

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA NA DESMISTIFICAÇÃO DE TABUS RELACIONADOS À TRAVESTILIDADE

Denise de Fatima Kurpel, Graduada em Psicologia pela FADEP, mestranda em Educação pela UNIOESTE campus de Francisco Beltrão, membro do grupo de estudos Laboratório e Grupo de Pesquisas Educação e Sexualidade- LABGEDUS E-mail: denisekurpel@hotmail.com

Giseli Monteiro Gagliotto, Doutora e Docente do Curso de Pedagogia, no Centro de Ciências Humanas na Universidades Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Francisco Beltrão/PR. Coordenadora do LABGEDUS- Laboratório e Grupo de Estudos Educação e Sexualidade, e Coordenadora do Projeto de Extensão Laboratório de Educação Sexual Adolescer na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Campus Francisco Beltrão/PR. E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Luana Cristina Reis Couss, Acadêmica do curso de Pedagogia pela UNIOESTE campus de Francisco Beltrão, Bolsista de Extensão PIBIS, membro do grupo de estudos Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade – LABGEDUS. E-mail: luana.couss@gmail.com

RESUMO

O presente estudo discorre sobre a importância da educação sexual na escola, na desmistificação de tabus relacionados à travestilidade. A base teórica está pautada nos conhecimentos psicanalíticos e articula conceitos que tratam sobre a sexualidade humana do início do desenvolvimento psicosssexual sugerido por Freud, no começo do século XIX até a contemporaneidade, quando ainda vivemos em uma sociedade desconfiada com o diferente, com os mitos e com todas as repressões e proibições que permeiam a temática. Percebe-se uma necessidade iminente de trazer para perto da realidade dos professores este tema para que os mesmos consigam conceituar e diferenciar gênero, sexo biológico, expressão de gênero e orientação sexual, e alternativas de como trabalhar e conversar com as crianças que começam a perceber-se de tal forma e com todas as outras que estarão convivendo com àquelas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual; Escola; Travestilidade; Gênero; Sexualidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



INTRODUÇÃO

O Brasil, ainda que tenha uma constituição laica, tem grande influência cristã, por ter sido colônia portuguesa. Tradicionalmente conservadora, a cultura cristã condena qualquer ato considerado profano, por suas leis prescritas, em seu livro sagrado. Algumas práticas já foram se modificando ao longo do tempo e adequando-se aos padrões das novas culturas sociais. No entanto ainda permanecem conservadoras, defendendo sua moral e costumes que não abrangem a todos os membros da sociedade que é rica em diversidade, causando, em alguns momentos, a discriminação e o preconceito em indivíduos que não se encaixam em seus padrões socialmente aceitos.

Na atualidade, em pleno século XXI, passamos por uma fase de grandes mudanças, o rompimento com as antigas tradições vem quebrando barreiras nunca antes exploradas, dando um ar quase que de “nova era”. Sexualidade que foge ao tradicionalismo, feminismo e a força da mulher e uma vida menos transcendental são assuntos que ganharam força neste momento histórico. “O tema sexualidade humana é inesgotável porque é dinâmico e vivencial” (Guimarães. 2002. pg.16). Ao longo da história a sexualidade se desenvolveu junto com nossa concepção social, marcando gerações com seus conceitos moldados pela religião e cultura da época.

O termo sexualidade é comumente confundido com sexo. Guimarães (2002) diferencia ambos, definindo sexo como sendo relativo ao biológico, macho, fêmea ou intersexual, pênis, vulva ou gônadas modificadas, embora na atualidade tenha se incorporado o sentido de ação, *o fazer sexo*, que se refere a relação sexual em si. Enquanto a sexualidade, termo do século XIX, incorpora o sentido e a intenção do sexo, também se referindo à forma de expressão, gostar e pensar, indo além do sexo biológico.

Um dos conceitos usados para entender a sexualidade humana é o gênero, sendo o caracterizador do feminino e do masculino, uma construção social que se modifica ao longo da história. Como aponta Chodorow (1978, p. 20, apud Guimarães, 1995) gênero seria o “sexo sociológico” do ser humano. Ele se

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



específica em identidade de gênero, no qual o indivíduo se identifica como homem ou mulher, de acordo com o padrão da sociedade em que está inserido, sendo cisgênero quando o sexo biológico e sociológico é condizente e transgênero quando esses são divergentes.

A expressão de gênero, consiste em demonstrar o feminino ou o masculino perante a sociedade, assumindo posturas que os estereótipos representam como, por exemplo, usar maquiagem, ter pudor ao andar e falar, brincar de coisas que “treinem” a maternidade e os serviços domésticos, que são atribuídos ao gênero feminino, e o incentivo à agressividade, aos esportes, à liberdade de brincar de carrinho e às competições, que são atribuídas ao gênero masculino. Essa forma de pensar traz prejuízos à sociedade, levando homens a acreditar que mulheres são frágeis e incapazes e que são superiores a elas. Ao mesmo tempo, é moralmente imposto a eles que não sejam frágeis como mulheres porque isso feriria sua masculinidade, atribuindo assim o termo “*como mulher*” como um adjetivo pejorativo. Quando a pessoa não se identifica com o binarismo (feminino e masculino) adota um visual andrógono que consiste em uma mistura binária.

Outro conceito no âmbito da sexualidade é o de orientação sexual, que consiste na complexidade afetiva do indivíduo, incluindo suas atrações e desejos íntimos e naturais. Este conceito abrange a heterossexualidade, que cabe aos indivíduos que se interessam afetuosamente pelo gênero oposto; a homossexualidade, que se caracteriza pelo interesse no mesmo gênero; a bissexualidade, que refere-se ao afeto entre ambos os gênero binários; a pansexualidade, na qual o indivíduo se sente atraído por ambos os gêneros e também por pessoas transexuais e a assexualidade, onde o indivíduo não demonstra interesse romântico ou tem interesses limitados. Entretanto, é importante ressaltar que todos os seres humanos são constituídos de sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.

A orientação sexual tem obviamente a função de romper o véu de hipocrisia e de silêncio imposto culturalmente as questões vinculadas à sexualidade. [...] refere-se à própria construção da cidadania, ou seja, ao

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





desenvolvimento e a aquisição da capacidade plena do exercício do amor e do trabalho. (KUPREMANN apud Maio 2011, p.178)

Como KUPREMANN relata é importante entender o que é a orientação sexual para se combater a intolerância na sociedade, já que essa ainda não compreende qual o sentido da educação sexual nas escolas. Com grande importância social, a educação sexual na escola tem o papel de gerar um ambiente favorável e justo a todos.

Etimologicamente, educação vem do latim "educare", que significa educar, instruir e também criar. Essa palavra é composta por "e" (fora) e "ducare" (guiar, conduzir, liderar), tendo a ideia de introduzir alguém ao mundo por meio da instrução, levando uma pessoa para fora de si mesma, mostrando o que mais existe além dela, iniciando-a ao meio onde os hábitos, valores, e costumes de uma comunidade são transferidos de geração a geração, modificando-se através do espaço e do tempo. Também nesta linha, sexual é relativo ao sexo e à sexualidade, caracterizando as diferenças sexuais das manifestações anatômicas e fisiológicas determinadas pelo sexo.

De acordo com Souza (1991, apud GONÇALVES, 2013), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpa, vergonha, bloqueios e tabus. O receio de se falar sobre sexualidade nas escolas é ressaltado pelo medo de rejeição e desaprovação dos familiares dos educandos e da falta de preparo dos profissionais. Como ressalta Maio (2011), a educação sexual não tira a inocência, tira a ignorância. Quando se tem a falsa ideia de escolha e promiscuidade referindo-se à orientação sexual é comum referenciar o preconceito a questões religiosas.

A escola parece parar no tempo em algumas situações. Mesmo frente a famílias com variados formatos, casais que fogem aos padrões e muitas formas de relacionamentos, ela continua a comemorar datas como dia das mães e dos pais, separar os educandos por sexo biológico e a fazer chacota por comportamentos afeminados nos educandos do gênero masculino e por atitudes masculinizadas nas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





do gênero feminino. Ter o hábito de rezar nas aulas, isso quando uma de suas disciplinas acaba por catequizar os educandos, educa através de crenças e não da Ciência que seria o ideal segundo as leis educacionais, o que é um ultraje à democracia.

TRAVESTILIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E O PAPEL DO PROFESSOR NA ESCOLA

É importante conseguirmos diferenciar travestilidade de transexualidade, para que seja possível explorar as particularidades e características que cada conceito envolve. Não são raras as vezes que indivíduos do senso comum confundem travestilidade com transexualidade, e é muito provável que isto aconteça pela indiferenciação sobre como o outro se percebe com relação a sua própria identidade de gênero. São as demarcações entre os papéis atribuídos aos gêneros feminino e masculino, delimitados culturalmente e socialmente, principalmente, no quesito vestuário, que fazem com que as travestilidades e transexualidades sejam de características marcantes. (LEITE, 2011)

A travestilidade refere-se à pessoas que vivenciam papéis no gênero feminino, não se reconhecendo como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou um não-gênero. (JESUS, p. 17, 2012) O que engloba o termo *travestilidade* é muito mais complexo do que “um homem que se veste de mulher”, ou alguém que se veste com roupas do gênero oposto ao do nascimento, levando em consideração que culturalmente na sociedade, ainda existem “roupas de gênero”. Uma pessoa do gênero masculino que se traveste, pode ter uma identidade transexual.

Se tratando deste assunto, as primeiras concepções que surgem acerca do tema, é referente a concepções médicas-psiquiátricas, na qual a travesti vive entre o gênero feminino e masculino e não sente necessidade de fazer cirurgia de redesignação sexual. Enquanto a pessoa transexual busca através de tratamento hormonal e de cirurgia, a redesignação para o sexo do gênero o qual se identifica.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



De fato, esta forma de perceber ambas dicotomias é errôneas e carece de estudos mais aprofundados acerca do tema. Lomando & Nardi (2013) apud Bento (2008), destacam que o conceito utilizado socialmente para explicar gênero, na maioria das vezes está relacionado à naturalização que o senso comum coloca em seu discurso, diferenciando gênero pelo sexo biológico de nascimento. Existe uma diferenciação utilizada na maioria das culturas, onde determinados objetos e/ou cores são para o gênero feminino ou masculino, e o que for diferente disso, causa certo estranhamento pela falta de conhecimento sobre o assunto. (MAXWELL... 2017) O que o professor poderia fazer dentro da sala de aula, é naturalizar as brincadeiras e atividades, buscando formas de mostrar para o aluno que cores e brinquedos não deveriam ter gênero, e que identificar-se mais com um brinquedo socialmente considerado do gênero oposto não é proibido ou definirá a sua orientação sexual.

Sigmund Freud entre os anos 1901-1905, já levantava questões sobre a sexualidade no texto *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*, e tantos anos se passaram, para muitos ainda verem a sexualidade como um tabu. Freud já discorria sobre a ideia de uma predisposição à bissexualidade em cada indivíduo, que no curso do seu desenvolvimento e das suas experiências, escolherá um determinado objeto. As definições relacionadas à orientação sexual, viriam apenas a partir da adolescência, quando o indivíduo tem suas primeiras experiências e interações sexuais com outras pessoas. É um equívoco dizer que durante a infância, na vivência das fases iniciais do desenvolvimento, a criança terá sua orientação sexual influenciada por algum tipo de brinquedo, brincadeira, ou roupa socialmente do gênero oposto. Embora não seja algo concreto, é na infância que a criança constitui sua personalidade e já busca por possíveis figuras de identificação, mais precisamente, com as relações de objeto (pais e mães). (FREUD, 1905)

Outra questão que precisa ser levantada e discutida, é a de que se alguém se traveste, é porque é homossexual ou se prostitui. Como discutido em tópicos anteriores, orientação sexual nem sempre está atrelada à orientação sexual e vice-versa. A prostituição é outro fator envolvido na miscelânea de dúvidas e tabus relacionados à travestilidade. Kulick (2008) após desenvolver estudos referentes ao

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



cotidiano de um grupo de travestis que sobreviviam através da prostituição em Salvador – Bahia, relata que algumas manifestavam desejo de realizar cirurgia de redesignação sexual ou até mesmo tratamento hormonal, mas como não dispunham de qualquer tipo de auxílio financeiro e apoio da família, buscavam na prostituição uma saída. Infelizmente, esta ainda é uma realidade que faz parte da vida de muitas travestis: identificar-se com o gênero que não condiz socialmente com seu sexo biológico, precisar sair de casa (por necessidade ou não aceitação dos familiares), e buscar na prostituição uma forma de manter-se e transformar-se fisicamente naquilo que deseja.

Infelizmente o senso comum olha para a travestilidade com estranhamento e preconceito, caracterizado pelas vestimentas não condizentes com o que é imposto desde antes do nascimento, que seriam “roupas de homem e roupas de mulher”. Essa discrepância levanta também outro fator, que está relacionado à dificuldade que a pessoa travestida tem dentro do mercado de trabalho. (KULICK,2008)

Realizando chacotas e brincadeiras de mal gosto contra as travestis, algumas pessoas acabam por não perceber um sentimento de dor que se esconde por trás do batom e do salto alto, camuflados de violência e abjeções das pessoas que questionam a sua forma de ver o mundo e relacionar-se com outrem. Felizmente algumas travestis conseguem ter essa concepção de que apesar da dor, o sentimento de pertencimento faz com que o cotidiano seja menos pesaroso. (KULICK,2008).

É na escola, que o professor pode desenvolver ações que visem desmistificar tabus quebrando paradigmas e trazendo novas perspectivas e formas de pensamento que através de reflexões podem auxiliar na desconstrução e ressignificação das novas ideias. Salvador (1999) vai falar que o período escolar é crucial no desenvolvimento do pensamento e do aparelho psíquico, e que por ser um período susceptível às mudanças, o professor pode exercer uma forte influência sobre a sexualidade do aluno. Esta influência que pode reprimir, é a mesma que pode ensinar e mostrar as diferenças existentes entre os seres humanos, e que é possível não apenas aceitar o que é diferente do que se vive, mas também respeitar

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





e auxiliar o outro na luta pelos seus direitos.

Giroux (1997) dialoga sobre as possibilidades que o professor tem dentro da escola, de transformar intelectualmente seus alunos, após travar importantes lutas contra o sistema que impõe barreiras sobre alguns conteúdos que deveriam ser ensinados em sala de aula.

A educação sexual na escola, assume modelos diferentes de acordo com cada necessidade observada, e embora se negue a sua existência, todos os dias as pessoas são educadas sexualmente de alguma forma, sendo que não se pode negar o momento histórico em que se vive e os diferentes contextos do cotidiano da sala de aula, e mesmo que alguns assuntos sejam evitados, também é uma forma de educar sexualmente: tornando o assunto proibido e negando a existência de outras formas de se viver a sexualidade, como a travestilidade. (GAGLIOTTO & PIMENTEL *et al*, 2014).

Quando formas diferentes de vivenciar a sexualidade não são discutidas em sala de aula, nega-se a existência de outras formas de se manifestar o desejo, e além da proibição alguns temas podem passar a ser vistos como anormais, já que são contrários aos padrões de gênero e heteronormatividade implícitos e impostos na sociedade diariamente.

A escola deve educar para o exercício da cidadania, que vise à transformação de uma sociedade injusta e desigual para uma sociedade mais humana e igualitária. Uma educação que potencializa o respeito ao ser humano na sua dignidade, a convivência com a diversidade e a diferença, estimulando os indivíduos a serem protagonistas da sua história. (GAGLIOTTO, PIMENTEL & ROZA, p.03, 2014).

Gagliotto, Pimentel, e Roza (2014) salientam a ideia de que os educadores percebem a homossexualidade como uma forma de desrespeito e que a dificuldade que os mesmos tem para lidar com estas questões acabam impossibilitando o diálogo e o trabalho para superar o preconceito social, incumbido de paradigmas pejorativos como o pecado e a falta de caráter ou ainda a “pouca vergonha”. Quando se fala sobre a travestilidade, aparenta ser ainda mais complexo em virtude não

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



apenas dos comportamentos estereotipados sobre as pessoas que são homossexuais, mas pelo desejo de outrem ser mais “visível” pelas vestimentas do gênero oposto ao sexo biológico.

A escola deve ser um espaço que torne possível a possibilidade de formar pensamento crítico para que as pessoas consigam se tornar cidadãos atuantes e emancipados de estereótipos. Para que isso seja possível, o diálogo deve ser valorizado, além do respeito mútuo e da tolerância, que produz autonomia e solidariedade. (GAGLIOTTO, PIMENTEL E ROZA, 2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S, **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (O Caso Dora) e Outros Textos**. Tradução: Paulo Cezar de Souza. Companhia das Letras, vol. 6, 2016.

GAGLIOTTO, G. M. *Et al.* **Educação, sexualidade e direitos humanos: a escola em foco**. III Seminário Nacional de Educação, diversidade sexual e direitos humanos. Acesso em: 09 abr 2017, disponível em: http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405521629_ARQUIVO_EDUCACAO,SEXUALIDADEEDIREITOSHUMANOSAESCOLAEMFOCO.pdf

GAGLIOTTO, G. M. *Et al.* **Laboratório de educação sexual adolecer: a diversidade sexual em foco**. II Seminário Internacional de Etnia diversidade e formação. CASCAVEL: 2014.

GIROUX, H. A. **Os Professores Como Intelectuais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GONÇALVES R. C., FALEIRO J. H., MALAFAIA G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, Ano 29, Vol. 5, p. 251-263. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/784/741>>. Acesso em: 28 de mar. 2017.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





GUIMARAES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

JESUS, J. G. **Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos**. BRASÍLIA: 2012. Acesso em: 08 ABR 2017, disponível em: www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_GÊNERO__CONCEITOS_E_TERMOS_-_2ª_Edição.pdf?1355331649.

KULICK, D. **Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. RIO DE JANEIRO: Fio Cruz, 2008.

LEITE, J. J. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico**. SÃO PAULO: Annablume, 2011. Acesso em: 4 abr 2017, disponível em: www.scielo.br

LOMANDO, E. & NARDI, H. C. **Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social**. Saúde em debate, RIO DE JANEIRO: 2013. V. 37, p. 493-503. Acesso em: 07 abr 2017, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a13v37n98.pdf>

MAIO, E. R. **O nome da coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011.

MAXWEL... 2017. **Travestilidade, transexualidade: revisão da literatura recente das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Puc, 2017. Acesso em: 07 abr 2017, disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16664/16664_4.PDF

SALVADOR, C. C, *et al.* **Psicologia da Educação**. PORTO ALEGRE: Artes Médicas Sul, 1999.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



SEXUAL EDUCATION AT SCHOOL DISMISSAL OF TABUS RELATED TO TRAVESTILITY

ABSTRACT

The present study discusses the importance of sex education in school, in the demystification of taboos related to transvestibility. The theoretical basis is based on psychoanalytic knowledge and articulates concepts that deal with human sexuality at the beginning of psychosexual development suggested by Freud, from the beginning of the nineteenth century until the present time, when we still live in a society suspicious of the different, with the myths and With all the repressions and prohibitions that permeate the theme. There is an imminent need to bring this theme to the reality of the teacher so that they can at least conceptualize and differentiate gender, biological sex, gender expression and sexual orientation, and alternatives of how to work and talk with the children that begin To perceive themselves in such a way and with all the others shapes that will be living with those in the school environment.

KEYWORDS: Sexual Education; School; Travestility; Genre; Sexuality.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

